

(Des)caminhos na compreensão da paisagem

(Dis)paths in landscape understanding

(Des) caminos en la comprensión del paisaje

José Elias Pinheiro Neto
Universidade Estadual de Goiás-UEG
Câmpus Itapuranga
joseeliaspinheiro@usp.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo a apresentação de alguns (des)caminhos na compreensão do conceito de paisagem. Direcionada ao uso social, ela se torna a palavra-chave da atual sociedade, esclarecendo os discursos tecnocráticos como modelos funcionais nos quais os gestores tentam a garantia sustentável do homem na terra. Trata-se de um estudo bibliográfico em que aborda a indicação de alguns significados na ciência geográfica, podendo ser contextualizada, a paisagem, como um conjunto de estruturas naturais e sociais de um determinado local no qual desenvolvemos uma intensa interatividade, seja entre os elementos naturais, entre as relações humanas e destes com a natureza. Para tanto, utilizamos alguns estudiosos sobre a discussão tais como: Bertrand e Bertrand (2007), Nunes (2002) e Rougerie (1971), entre outros.

Palavras-chave: Paisagem. Social. Natural. Sistema.

Abstract

This paper aims to present some (dis)paths in understanding the concept of landscape. About to the social use, it becomes the keyword of the present society, clarifying the technocratic speeches as functional models in which the managers try the sustainable guarantee of the man in the earth. It is a bibliographical study in which it approaches the indication of some meanings in the geographic science, it can contextualized, the landscape, as a set of natural and social structures of a certain place in which we develop an intense interactivity, be it between natural elements, between human relations and those with nature. For this, we use some scholars on the discussion such as: Bertrand and Bertrand (2007), Nunes (2002) and Rougerie (1971), among others.

Keywords: Landscape. Social. Natural. System.

Resumen

Este trabajo tiene por objetivo la presentación de algunos (des)caminos en la comprensión del concepto de paisaje. En el uso social, se convierte en la palabra clave de la actual sociedad, aclarando los discursos tecnocráticos como modelos funcionales en los que los gestores intentan la garantía sustentable del hombre en la tierra. Se trata de un estudio bibliográfico que aborda la indicación de algunos significados en la ciencia geográfica, pudiendo ser contextualizada, el paisaje, como un conjunto de estructuras naturales y sociales de un determinado lugar en el que desarrollamos una intensa interactividad, sea entre los elementos naturales, entre las relaciones humanas y de éstos con la naturaleza. Para ello, utilizamos algunos estudiosos sobre la discusión tales como: Bertrand y Bertrand (2007), Nunes (2002) y Rougerie (1971), entre otros.

Palabras clave: Paisaje. Social. Natural. Sistema.

Considerações Iniciais

Este trabalho tem por objetivo, a partir de uma revisão bibliográfica, apresentar alguns aspectos textuais sobre a ideologia para a compreensão da paisagem, para tanto, trilhamos um caminho para o seu entendimento bem como rejeição de algumas áreas em aceitar a categoria como elemento estruturador de uma ciência. Podemos analisar a paisagem como uma palavra viva, corriqueira, e neste sentido cada pessoa faz o uso desejado para senti-la, este pensamento está em conformidade com Bertrand e Bertrand (2007). Desta forma, sua compreensão pode ser monótona, romântica e até mesmo, de uma maneira bem simplista, fora de moda.

Ao tratarmos de seu uso social, a paisagem recebe uma importante característica para entendermos as relações na atual sociedade, também representa, dentro dos discursos tecnocráticos, modelos funcionais nos quais os gestores tentam a permanência *sustentável* do homem na terra, empreendendo as necessárias mudanças com o menor impacto possível na natureza, e ainda, no discurso científico esconde mais do que deveria, principalmente, ao relacionar-se com as *mass media* porque ficam responsáveis pela produção, divulgação e pela maneira como as informações são recebidas pelos indivíduos e mesmo que, posteriormente, filtradas subjetivamente pelas pessoas, elas carregam mensagens de cunho político, social, ideológico, cultural e/ou

simplesmente comercial e são transmitidas pela televisão, rádio, cinema, jornais e entre outros meios de comunicação e, na maioria das vezes, mascaram os impactos recebidos como disfarce para o bem-estar da sociedade.

Neste resultado da produção direcionada a sociedade podemos entender uma multiplicidade de referências para a paisagem, levando frequentemente a alteração de sua forma e tornando-a indeterminada e indeterminável. Ao considerarmos estes dois termos compreendemos a paisagem e o paisagístico sendo utilizados simplesmente como numa (in)definição publicitária, o verde e o belo são vendidos apenas como qualidade de vida, a natureza e a arte são transformadas e deixam para trás sua verdadeira essência, são apresentadas a serviço do homem. Esta nova forma social de ver a paisagem se aproxima muito da preservação ecológica, dando elementos para entendermos a necessidade da manutenção ambiental que varre a sociedade de consumo. Com todas essas contradições e irredutível globalidade a paisagem se tornou um desafio político, a análise científica é colocada tanto nas formas do saber quanto do poder.

A paisagem compreende, pelas análises subjetivas do observador, muito mais do que é simplesmente visível, entra em cena o que é perceptível e a sensibilidade humana, a aparência das coisas e seus mecanismos invisíveis, desta maneira, são revelados. No âmbito político se transforma em um produto de recuperação, contudo, na maioria das vezes, falácias com pouco fundamentos científicos, fazendo surgir opiniões estranhas e divergentes, para a recuperação do ambiente. Alguns estudos, distante da análise de um geógrafo, equivocam-se quando construídos apenas por tecnicismo ecológico e essa tecnocracia constituída aparece para cobrir os verdadeiros problemas sociais.

Assim, complexa e analisada dentro de um processo de transformação e de passagens do que temos como meio natural para o meio social, a paisagem em muitos momentos ficou, na Geografia, isolada das categorias científicas tradicionais. Houve até mesmo uma confusão com as categorias área e região, tornando-se caótica e compreendida apenas como uma junção de objetos desiguais, complicados. Contudo, de início, exercendo uma relevante influência para sua própria existência científica bem como do espaço, embasada em disciplinas principalmente da geologia e da arquitetura com novas formas para a compreensão do ambiente e das relações que exercemos com

ele e entre nós mesmos, foi gradativamente conquistando sua independência. Desta forma analisada se aproxima cada vez mais de um conceito científico.

Caminho para a percepção da paisagem

Para compreendermos o caminho para a percepção da paisagem tentamos nos orientar a partir de algumas inadequações nas metodologias, especificamente, naturalistas e a sua desqualificação na ciência geográfica clássica. Ao geógrafo nada mais comum do que a paisagem concreta e sua balanceada descrição, para a Geografia, nada mais estranho do que a análise global e metodológica da paisagem. Esta desqualificação se atribui em dois pontos indispensáveis para o projeto geográfico, o primeiro é a ausência de reflexão teórica sobre o conceito de natureza e paisagem, e depois, uma horizontalidade e coerência no processo histórico que conceitua a paisagem. Rougerie publica em 1971 o livro *Geografia das paisagens* e na introdução escreve que é

cômado definir a geografia como o estudo das paisagens. Não há de falar, por certo, quem venha apontar a imprecisão e a feição qualitativa, ou mesmo “artística” da expressão; outros, movidos por um desejo de exatidão, hão de preferir a cisão da realidade e falarão em paisagens morfológicas, em paisagens vegetais, em paisagens agrárias ou urbanas... Contudo, como a geografia também consiste em localizar fatos, em apreender as diferenciações do espaço terrestre e em comparar conjuntos desvendando seu dinamismo interno e suas relações recíprocas, poderemos nos considerar no âmago desta ciência quando nos declaramos favoráveis à expressão material de tais diferenciações: as paisagens. (p. 7).

Na década de 1950 a Geografia vivia uma importante alteração na geomorfologia em pleno desenvolvimento metodológico e cada vez mais crescendo sua autonomia, neste momento o desenvolvimento da climatologia e da biogeografia pouco modifica a hierarquia dos setores do saber geográfico impresso pela geomorfologia, neste sentido a análise mascara a paisagem. De acordo com Bertrand e Bertrand (2007), ao estudar sobre os conceitos integradores, a biocenose, o biótopo e o ecossistema, há, a partir de 1965, no que tange ao geossistema e o domínio do subsistema natural, uma grande convergência epistemológica entre o desenvolvimento da biologia e, mais tarde, da ecologia, e também uma influência apresentada pelo ambiente para determinar nos seres de uma mesma espécie algumas qualidades que lhes são comuns. Esta convergência busca demonstrar uma unidade científica ao impor nos primeiros

conceitos integradores, o modelo de uma análise sobre a natureza e suas relações com a cultura e a sociedade.

Os trabalhos sobre o conceito atual se iniciam com a 'paisagem natural', são utilizados métodos quantitativos. Estes estudos se embasam em medidas de estações que permitem estabelecer unidades em balanços biogeoquímicos e energéticos com escalas nas geofáceis. Estas são unidades menores direcionadas aos aspectos fisionômicos da paisagem. E de acordo com Viktor Borisovich Sotchava (1997), existe a ciência do geossistema, ela é a ciência que estuda a paisagem natural, permitindo não apenas levantar, mas prever os *estados* da paisagem.

As concepções de escala dos acontecimentos naturais ou das relações humanas com limites de espaço e de tempo são, por definição, indissociáveis da taxinomia e da corologia. Assim, as pesquisas acerca dos *estados* geossistêmicos nos permitem, de um lado, definir toda unidade paisagística por seu ritmo e, por outro lado, acompanhar e até mesmo prever os desenvolvimentos da paisagem, permitindo-nos o conhecimento de uma história e de um processo histórico construtivo da paisagem. O geossistema permite o aprendizado sem hierarquização e/ou discriminação prévias a totalidade do complexo geográfico natural. O 'subsistema natural', que funciona em toda paisagem, pode então ser perfeitamente dominado em si mesmo, no entanto não resolvendo o problema metodológico para alcançarmos o conceito de paisagem.

Assim, dentro de um sistema metodológico, analisando a paisagem no âmbito ecológico, é necessário compreender as ciências da natureza e adentrarmos profundamente nas ciências humanas e sociais. Vista desta forma, a paisagem pode estar na análise geral da ecologia, de qualquer forma se distancia de uma reflexão crítica, são sobre as modalidades teóricas e práticas e quanto as suas aplicações no campo social, e não quanto ao método ecológico em si. A ecologia aponta também um conceito biológico que analisa as alterações naturais das matérias vivas, do metabolismo e da cadeia alimentar. Em nosso caso, para o estudo da paisagem acrescentamos as relações entre estes seres.

Metodologicamente a análise ecossistêmica pode ser comparada ao estudo de um sistema único e, ainda, ser considerada como um simples instrumento de trabalho neutro que permitem percepções das interferências possíveis de um destino biológico. Considerando a biologia uma ciência que domina os aspectos do ambiente social,

entendemos um estudo da realidade social numa interpretação das relações com as pessoas.

A integração da paisagem sendo analisada no âmbito social não deve passar apenas por métodos de inspirações naturalistas, neste sentido a sociedade se mantém afastada da natureza, o que é um equívoco. No entanto, existem avanços que podem ser considerados positivos no que tange aos planos filosófico e metodológico, atualmente temos trabalhos consideráveis sobre o assunto, Geografia e literatura, por exemplo, é aspecto importante a ser analisado na aproximação entre a sociedade e a natureza.

Os conceitos de geossistema e ecossistema não podem, exclusiva e simplesmente, servirem como ponto de partida para o estudo da paisagem, a não ser que possam, em algum momento, serem transpostos para a análise social. Podemos enxergá-los como análises de sistemas bem sucedidos em seus respectivos campos, podendo servir de exemplos analógicos. Além destes modelos permitirem a redução da complexidade do meio natural sem o anular, eles são imprescindíveis para garantir a interação do natural na análise social. Desta forma, não pode existir projeto válido a menos que este seja constantemente protegido por uma reflexão acerca da natureza e das relações exercidas com os homens, atribuindo-lhe perspectivas em relação à cultura e à sociedade.

Bertrand e Bertrand (2007) utilizam a teoria da simplificação que influenciou o estudo das relações do ambiente com as pessoas, esta análise isola as coisas do ambiente e do observador. A harmonia entre as observações em nenhum momento pode excluir a subjetividade do observador porque o isolamento experimental afasta o ambiente real de todas as suas características invisíveis, tornando as coisas objetivas. E como escrevem José Elias Pinheiro Neto e Maria Imaculada Cavalcante (2010),

ora na posição de sujeito, ora na posição de objeto, a paisagem escapa à racionalidade linear, redutora e causal do cartesianismo, assim como do objetivismo do cientificismo positivista, sendo limitada pelo fenômeno da percepção. Na divisão atual a pesquisa científica e a análise global da paisagem surgem como busca por uma utopia em um universo extradisciplinar. A intenção não é alcançar, diretamente, um método de análise específico, e sim traçar problemas que os procedimentos mais clássicos e setoriais não permitem abordar. A lógica do raciocínio permite que a pesquisa, mesmo superficial e incerta, conduza a um fim, ou seja, que se chegue a uma análise paisagística, permitida também pelo paradigma sistêmico que, para isso tem-se que organizar a paisagem no interior de um sistema. Para que se apreenda uma paisagem é preciso acumular obstáculos

conceituais e metodológicos e hostilizar contradições aparentes. Enumerando as “qualidades” essenciais de uma paisagem percebemos que elas vêm de categorias julgadas estrangeiras ou contraditórias. (p. 129).

Podemos dizer que houve uma recusa do maniqueísmo paisagístico e grande parte dos estudos acerca da paisagem se reduzem a uma interpretação dualista. Dentre elas, a paisagem é vista numa intrínseca relação entre a natureza e o sujeito em que a existência social só é possível por meio de um processo entre a formação da imagem e sua interpretação social, a paisagem é, então, definida como um fenômeno cultural. Outra maneira de análise é a paisagem da natureza aproximada muito com o objeto, desta forma, não é nada além de uma porção terrestre, é uma realidade que existe independente da ação do observador, sendo portanto definida como um fenômeno natural.

Para Bertrand e Bertrand (2007) este conflito entre o culturalismo e o naturalismo é, geralmente, considerado contraditório, uma oposição entre a filosofia e a filosofia materialista. Porém, somente a interpretação idealista pode ser irreversível, pois ela reduz a paisagem a um singelo fenômeno de percepção, reduzindo o estudo às análises de espaços percebidos ou espaços vividos, permanecendo nas pesquisas sociológica e geográfica.

O fenômeno da percepção possibilita socializar o que de mais importante consideramos no ambiente, dito natural. E a análise da paisagem afastada deste procedimento pode apresentar alguns equívocos graves, o primeiro deles é a existência material e objetiva da paisagem negada ou negligenciada, há uma defensiva contra um uso mal compreendido do determinismo natural do que uma posição de princípio, a paisagem não é somente o que se vê. O segundo erro trata-se da sociedade isolada de seus fundamentos naturais e biológicos, espaciais e o meio físico, quando mencionado, permanece confuso, o sistema de produção está cortado de sua base de produção primária, o homem antes de ser social é biológico, é natural. E por último, as noções de espaço vivido e de espaço percebido não podem cogitar a cobertura do conjunto distanciando-se dos fenômenos culturais.

A partir da aproximação entre o objeto, ambiente, e o sujeito, observador, Bertrand e Bertrand (2007) dizem que é necessário o reconhecimento da globalidade do fenômeno paisagístico e da elaboração de um método apropriado. Não podemos olvidar de alguns problemas, como por exemplo o distanciamento da atitude idealista e tudo

aquilo que compõe um estudo setorial da paisagem vivida ou percebida. Analisada desta forma, podemos perceber uma simultaneidade na paisagem, o objeto e o sujeito, em contraposição a uma realidade ecológica, sendo um produto social, enfrentamos a dificuldade de apreender a relação entre o objeto e o sujeito em sentido dialético.

Epistemologicamente, podemos observar o sujeito e o objeto deixando de ser estruturas separadas, cada uma para o seu lado, os dois se tornam produtos da experiência e da teoria que se definem um pelo outro. Miscigenados atribuem um novo sentido, aproximando a um caráter da realidade do que se vê e do que a paisagem esconde, precisamente a se compreender. A paisagem envolve dentro do mesmo processo o ambiente e os diferentes usos ou relações e percepções atentas às diferentes práticas sociais.

Não é intensão do cientista a separação entre a análise natural e a análise social no método científico, o estudo do ambiente físico relacionando-o ao social pode demonstrar muito mais do simplesmente vemos. Desta forma, existe uma globalidade da paisagem na análise de uma pesquisa no paradigma socioecológico, um sistema complexo da paisagem que pode ser, ao mesmo tempo, morfológico e funcional, não devemos tentar reduzir o resultado desta pesquisa com sua divisão.

A paisagem está inserida dentro de um sistema real, palpável e sensitivo, direcionada a uma estrutura ecológica pode ser apreendida e qualificada enquanto imagens herdadas e filtradas a partir do que vemos. Notadamente uma estrutura social que pode identificar sua verdadeira utilização, ela deve ser vista, cada vez menos, apenas como um mecanismo ecológico e social, vai se destacar cada vez mais como um processo de transformação, um fenômeno com marcas registradas em toda a história do observador e uma interpretação social das diversas imagens da natureza, apropriação.

Para caracterizarmos a paisagem mister se faz partirmos da premissa de que ela somente pode ser social quando dentro de um grupo socialmente organizado, assim, podemos entender por esse grupo uma junção de pessoas dentro de um mesmo sistema organizado de produção e o que os liga é a prática usual da natureza em relação aos bens materiais e culturais. A produção destes bens é resultado, é a formação material e cultural de uma paisagem, ela somente tem sentido para um determinado grupo social que é certificado pela percepção, vemos e sentimos diferente de outras pessoas que não participam do mesmo crescimento social. Por exemplo, existe uma grande diferença em

analisar a cidade de Goiás do alto da Serra Dourada ou entende-la, vivenciando o cotidiano e as relações de seus cidadãos dentro da cidade, outro pode ser a compreensão do interiorano goiano para o desenvolvimento e a significação cultural, sua definição em relação a sociedade camponesa do cerrado, o que será diferente para outras pessoas entenderem, estando de fora destas imagens culturais.

A paisagem não é estática, muito pelo contrário, ela é movimento, mesmo quando falamos de telas, sua análise se movimenta pela subjetividade do observador. A alteração se dá no tempo e no espaço, velocidade e/ou direção para as cenas. A análise realizada dos movimentos das paisagens deve se orientar principalmente pelo espaço e pelo tempo, uma vez que estes elementos são muito importantes para os aspectos do processo histórico de alteração das cenas. Podemos apontar, como exemplo, nos centros urbanos uma densidade demográfica herdada socialmente, neles a alteração da paisagem arquitetônica demonstra a condição cultural do domínio e do desenvolvimento urbano, resultado das heranças sociais.

Podemos perceber no distanciamento, entre o natural e o social, uma questão muito salutar, o funcionamento do primeiro é historicamente constituído a longo prazo, no segundo é muito importante analisarmos as relações, tanto do homem com o próprio homem como deste com a natureza. Assim, melhor a análise dentro de um sistema, o cerrado ainda resiste, em muitas partes, a intromissão canavieira e da soja, o sentimento topofílico do lugar em que vivemos faz parte da paisagem, ele é herdado e entra em oposição aos imperativos poderes da mudança econômica e social, ou seja, a relação do homem com a natureza.

A sociedade também se constitui pela relação desenvolvida por intermédio do trabalho, e juntamente com a diversificação cultural inserida neste contexto faz com que as relações econômicas e as representações culturais se constituam hierarquizadas. Conforme escrevem Bertrand e Bertrand (2007), “cada sociedade secreta tem uma relação paisagística privilegiada imposta ao conjunto social pela ideologia da classe dominante.” (p. 227). Nessa mesma linha, podemos ver que a sociedade não está mais dentro do contexto de sua paisagem primeira, apenas natural, aquela herdada pela sua própria história. Ela se dissolve em diversas paisagens, cenas de habitação, de trabalho, e de lazer. Essas divisões são interdependentes e aparecem para modificar as cenas

antigas, instituindo nova face ao processo histórico e contextual da sociedade, nascendo novos conflitos entre os grupos.

A paisagem exige, dentro de uma perspectiva histórica, que não caiamos em suas dicotomias setoriais. Ela está dentro de um processo de globalidade socioecológico, e deve ser analisada em seus aspectos sociais e naturais. Os cenários são complexos e os sistemas sociais é que modulam a função de complexidade, exigindo a elaboração deste cenário social e conseqüentemente paisagístico. Nesta perspectiva, podemos verificar uma seqüência que instrui a formação destes cenários sociais e eles se estabelecem, de acordo com Bertrand e Bertrand (2007), em três aspectos.

O cenário paisagístico dominante representa o modelo econômico e cultural geral; [...] b. Os subcenários, ou cenários paisagísticos dominados, exprimem a situação real das diferentes categorias sociais na sua prática econômica e cultural do espaço; [...] c. A relação entre o processo paisagístico dominante e os diversos processos paisagísticos dominados pode ser explicada apenas com algum tempo. (p. 229).

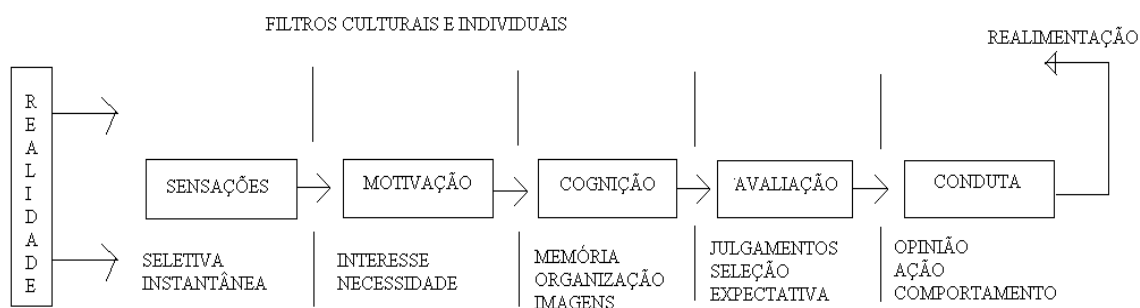
Apresentados estes cenários paisagísticos não podemos dispô-los em simples categorias para a formação das cenas. De qualquer forma, existe uma evolução literária para entendermos como funciona a paisagem, os cenários são construídos pelas relações em determinados locais. Diante disso, podemos compará-los, não como inicialmente, separados, apenas e puramente ou nos cenários sociais ou naturais, mas sim dentro de um sistema que descreve de forma racional tudo aquilo que se percebe e deve ir muito além do que simplesmente vemos.

Considerações finais

A paisagem, atualmente, é estudada em diversas áreas, por diferentes cátedras, e, principalmente, na redescoberta da Geografia, mais especificamente pela cultural, compreendemos que agora estamos bem mais prontos para analisa-la sem o conservadorismo e as promessas iniciais. Existem alguns elementos para uma definição da paisagem e, em nossa opinião, mais fácil falar da paisagem pelas características da percepção, e é esta que nos define contextualmente o resultado paisagístico. Como dissemos, a paisagem não é estática, e mesmo quando reproduzida numa fotografia, ainda assim, a percepção continua em um processo dinâmico de movimento.

Numa visão bem simplista podemos indicar que a paisagem pode receber vários significados e na ciência geográfica permite ser contextualizada como um

conjunto de estruturas naturais e sociais de um determinado local no qual desenvolvemos uma intensa interatividade, seja entre os elementos naturais, entre as relações humanas e destes com a natureza. Nós somos treinados a perceber as várias paisagens e a sua percepção se dá considerando cinco fatores: visão, audição, tato, olfato e paladar. Para entendermos como funciona este processo vejamos, abaixo, o esquema teórico de um processo perceptivo.



Para *vermos* uma paisagem, vários são os pontos abordados caracterizadores do processo fenomenológico que induzem o homem para identifica-la. E no quadro acima mostrado, em cada momento das partes descritas depende também do estado de quem a *vê*, do observador. Nossos olhos estão preparados para ‘visualizar’ apenas aquilo que nosso filtro permite, sem contar que nenhuma delas pode ser saltada para no final conceituarmos subjetivamente a paisagem. O professor Celso Nunes descreve uma paisagem, dizendo que

Em momentos assim, num barco ou numa praia, pela janela de um trem ou em uma casa em um bairro qualquer, a paisagem esta sempre atraindo nossa atenção. É como se estivéssemos em um teatro, diante de uma cenografia recém revelada por um abrir de cortinas. Bela ou feia, clara ou mal iluminada, próxima ou distante – não importa – somos atraídos pela paisagem como são os olhares dos espectadores atraídos pelo palco. E o que vemos ou percebemos estimula nossa imaginação e desenvolve nossa capacidade de observação. Aquilo que os olhos vêem junte-se os estímulos sonoros provenientes de uma circunstância qualquer e já não somos alvo apenas do que vemos, mas também do que ouvimos. (2002, p. 216).

Estes elementos retomam também as palavras anteriormente descritas de que se torna muito difícil caracterizar a paisagem sem antes entender o funcionamento subjetivo da percepção humana, pois nós nunca *vemos* a paisagem de fato em sua

completude, mas a percebemos em partes que formam o todo, inclusive do que não se vê.

A paisagem deve ser analisada dentro de um processo socioecológico, do contrário evidencia algumas contradições que induzem para uma problemática ecológica e social. Podemos citar a contraposição do estado natural da paisagem em relação à interpretação subjetiva que fazemos dela, podemos entender também a demonstração do modelo dominante em que a produção resultante desta classe é imposta na classe dominada, há uma alteração no estado da paisagem. E por último, uma relação das necessidades econômicas e dos modelos culturais construídos socialmente pelas classes com possibilidades de aquisições materiais, sejam elas dominantes ou dominadas, resultados dos processos cotidianos da construção da sociedade e do que instituem umas em relação as outras através do poder. São poderes de relações que formam o todo da paisagem percebida.

Referências

BERTRAND, Georges e BERTRAND, Claude. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. (Org.). Messias Modesto dos Passos. Maringá: MASSONI, 2007.

NUNES, Celso. A paisagem como teatro. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: CONTEXTO, 2002.

PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. A percepção geográfica da paisagem em Morte e vida severina de João Cabral de Melo Neto. In: **Revista da Faculdade Estácio de Sá**. v. 01, n. 04, Goiânia. 2010.

ROUGERIE, Gabriel. **Geografia das paisagens**. São Paulo: DIFEL, 1971.

SOTCHAVA, Viktor Borisovich. **O estudo de geossistemas**. Instituto de Geografia. USP, São Paulo: LUNAR, 1977.

Recebido para publicação em junho de 2017
Aprovado para publicação em outubro de 2017